

ZONA ANDINA: POVOS PRÉ-INCAICOS

META

Levar o aluno a conhecer a variedade de povos que habitaram a zona Andina antes da formação do Império Inca.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar os principais traços culturais dos seguintes povos pré-incaicos: Chavin, Paracas, Vicús, Puraca, Salinar, Nasca, Mochica, Recuay, Lima, Cajamarca, Virú, Lambayeque, Huarpa, Tiahuanaco, Huari, Chimú, Chincha, Huaca, Chachapoya e Chanca.

PRÉ-REQUISITOS

Ter assimilado o conteúdo das aulas anteriores



Múmia Paraca.
(Fontes: <http://www.imagesofanthropology.com>)

INTRODUÇÃO

Caro aluno, querida aluna: neste capítulo vamos mudar de zona cultural. Passemos, portanto, a desvendar os segredos das culturas que habitavam o Peru, antes que os Incas construíssem seu grande Império.

Pesquisas arqueológicas que foram levadas a cabo na referida região corroboram com a hipótese de que a América começou a ser povoada por diversas correntes migratórias provenientes da Ásia.

Na região do atual Peru, pode-se entender a divisão desses grupos da seguinte maneira:

1º) Caçadores Nômades (22.000 – 3.000 a.C): Homens de Ayacucho, de Huanta, de Puente, do Rio Chillón, de Toquepala, de Lauricocha, de Escomarca, de Paján, e de Pampa Canário.

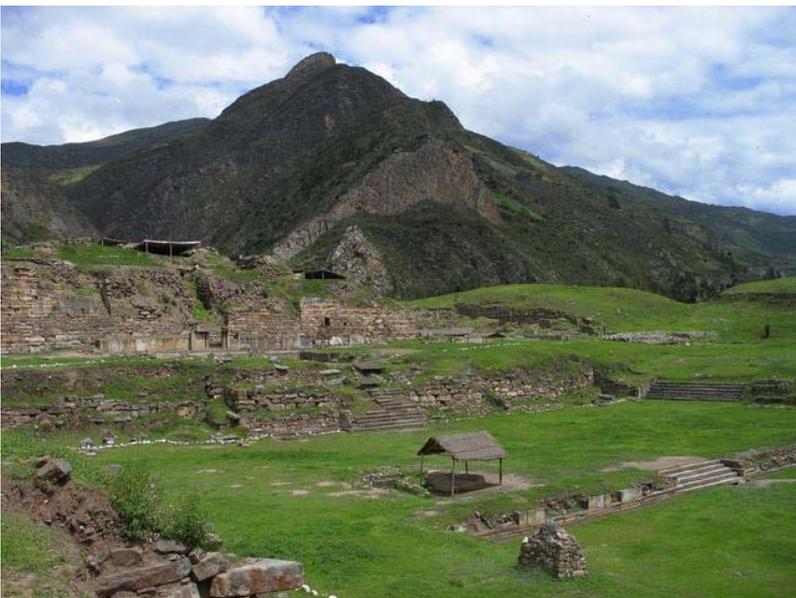
Principais características: Produziam instrumentos grossos e pontiagudos que podiam ser lançados; alguns grupos viviam em cavernas e produziam pinturas rupestres, utilizavam o fogo e praticavam enterramentos na posição fetal e dorsal; outros eram pescadores e se alimentavam de farinha triturada.

2º) Agricultores Seminômades (5.500 – 6.000 a.C): Homens de Rio Santa e de Paracas.

Principais características: Foram os primeiros a praticarem a agricultura no Novo Mundo. Os homens de Paracas formaram a cultura mais antiga sobre a qual se tem notícia nas terras do litoral peruano. Viviam em cabanas circulares e semissubterrâneas. Também realizavam o sepultamento cerimonial dos seus mortos.

3º) Sedentários (5.785 – 1950 a.C.): Canteiro de Lurin (primeiro povoamento conhecido do Peru), Cerro Paloma (primeiro monumento arquitetônico), Huaca Prieta e Cotosh (conhecido como o templo das mãos cruzadas, considerado o primeiro das Américas).

Pois bem, tendo visto as referidas considerações preliminares, passemos então a estudar as principais culturas pré-incaicas.



Restos arqueológicos de Chavin.

(Fontes: <http://concursoeducared.org.pe>)

CULTURA CHAVIN: PRIMEIRO GRANDE IMPÉRIO TEOCRÁTICO DO PERU

Os Chavin habitaram a Serra de Huari, localizada em territórios do altiplano setentrional do Peru, entre os anos 900 e 200 a.C.. Eles devem seu nome a existência de ruínas localizada na região que engloba os rios Huachecsa e Moshna, numa altitude de aproximadamente 3.317 m acima do nível do mar. (Chavin de Huantar)

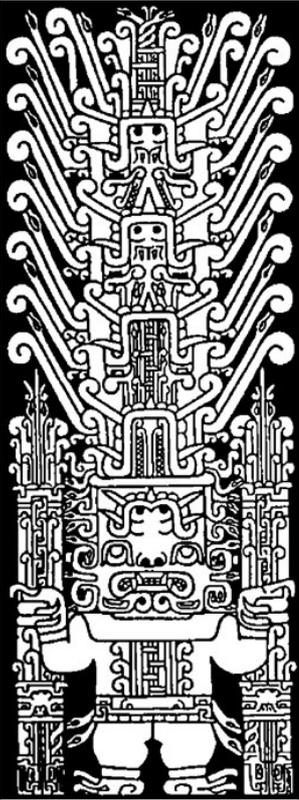
No auge de sua expansão territorial, os Chavin chegaram até a costa norte e central peruana, passando, inclusive, a habitar territórios do atual Equador, entre o litoral e o início da selva amazônica.

Há indícios que Chavin foi um grande “império” teocrático, visto que adoravam o deus jaguar. Afirmam-se, também, que o templo intitulado de “El Castillo” foi um grande centro de peregrinação no Horizonte Antigo Peruano; visto que ali, ao que tudo indica, se cultuava o jaguar, pois as paredes do referido templo encontravam-se decoradas com cabeças em forma de felinos, além de ter sido encontrado um monólito representando um grande jaguar. Nesse centro religioso, praticavam-se diversas cerimônias e rituais de sacrifício.



Sítio arqueológico Chavin
(Fonte: <http://www.doismiledoze.com>)

A arquitetura dos Chavin era formada basicamente por templos. Entre os mais importantes, destaca-se o Templo de Chavin de Huantar, cujas ruínas encontram-se formadas por uma complexa estrutura feita de blocos de pedras. Nas colunas desse templo, encontram-se desenhos de figuras zoomórficas (forma de animais) e outras antropomórficas (forma humana). Entre as esculturas mais interessantes de Chavin de Huantar, destacam-se: “El Lanzon” (representado por um deus sorridente), o obelisco de Tallo,



Estela Raymondi
(Fonte: <http://pe.kalipedia.com>)

o Condor e a Estela Raymondi. Esta última encontra-se representada por uma figura humana com feições de jaguar.

Os muros exteriores do Templo Chavin encontram-se decorados com cabeças de pedras em forma de felinos, feitas, na sua grande maioria, com argila fina.

A arte têxtil foi outro grande destaque da Cultura Chavin, visto que seus panos foram tecidos em algodão, nos quais se encontram estampas que representam seres mitológicos.

No campo da metalurgia, destaca-se a presença de peças feitas em ouro, prata e cobre. Tais peças eram geralmente utilizadas para adornar partes do corpo humano.

As habitações eram feitas de pedra e adobe e formavam aldeias. Acredita-se que o destino dos mortos era a cremação; porém, vestígios confirmam que a mumificação era o ritual predominante.

Contudo, o principal legado da Cultura Chavin foi o desenvolvimento de uma agricultura altamente produtiva e inovadora para a época, visto que as famílias trabalhavam juntas para enfrentar as intempéries da natureza. É possível, inclusive, que atuassem realizando algum tipo de drenagem das águas. Por meio de tal sistema, produziram milho, abóbora e feijão.

Não obstante tal fato, é possível que por volta do ano 300 a.C. tenha havido um estancamento das forças produtivas desse povo, o que pode ter sido a causa do seu desaparecimento. Outra hipótese veiculada é que sua dizimação tenha se dado por causa da invasão de outras culturas mais recentes.

MOCHICA: UMA CULTURA DE PODEROSOS GUERREIROS

Os Mochicas habitaram a costa norte do Peru, no vale de Moche, entre os anos 100 a.C e 600 d.C.. Eram formados por poderosos guerreiros, porém ficaram conhecidos por causa de sua arte em ouro e cerâmica, realização de construções suntuosas e prática da agricultura irrigada.

A irrigação, inclusive, era uma das suas atividades mais importantes, visto que conheciam métodos engenhosos de construção de reservatórios, canais e aquedutos que deixavam a terra propícia para o cultivo. Desta forma, a população cresceu e a civilização se desenvolveu.

Os Mochicas cultuavam o deus Ai-Apaec, também conhecido como El Degollador que foi elevado ao posto de divindade máxima quando uma classe de sacerdotes-guerreiros tomou o poder, criando uma confederação de cidades-estados que dominou um território de 400 quilômetros de extensão.

A sociedade Mochica era patriarcal, cabendo as mulheres a realização das tarefas domésticas. Boa parte da população era formada por camponeses,

não obstante alguns vestígios cerâmicos apontem para a existência de uma sociedade dividida em várias classes formadas por militares, artesãos. Acima de todos eles, se encontravam os nobres e os sacerdotes.

A arte mochica apresentava uma singularidade muito particular: eles realizavam esculturas em cerâmica em forma de retratos nos quais eram representados personagens políticos, altos sacerdotes e cenas da vida cotidiana. Trata-se do estilo clássico dessa cultura, que foi chamado de huaco-retrato.

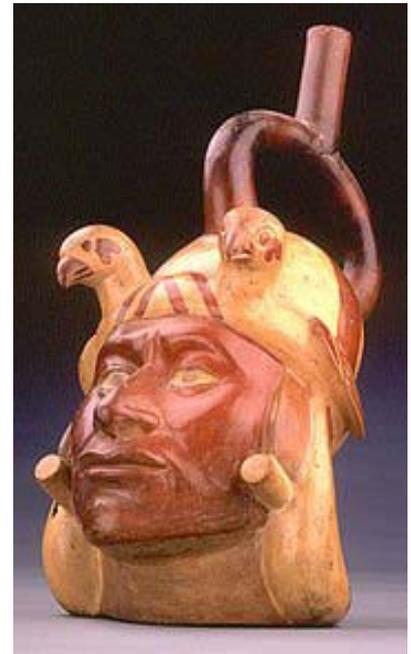
Em Sipán, cidade sagrada dos Mochicas, os mortos da elite eram enterrados na companhia de seus criados. Seus restos mortais encontravam-se adornados com rica jóias confeccionadas em ouro e prata, cujo valor artístico evidencia a perícia com que este povo trabalhava metais nobres.

A arquitetura também era bastante desenvolvida. Nela, se destacavam as construções de obras públicas como templos e pirâmides, erguidas com o uso de abobe (tipo de tijolo cru).

Os rituais de sacrifício eram comuns entre os Mochicas como forma de conter a ira divina, mas também eram usados pelos sacerdotes-guerreiros como forma de manter o controle da sociedade.

Os mochicas não possuíam escrita, a transmissão de sua cultura estava baseada em relatos orais. Além disso, realizavam pinturas nas quais os temas favoritos eram as representações de batalhas rituais, nas quais aconteciam a captura de prisioneiros que seriam oferecidos em sacrifícios cerimoniais. Além disso, os murais coloridos da Huaca de la Luna mostram desenhos que representam Ai-Apaec, principal deidade Mochica.

Por maior que fosse o número de guerreiros sacrificados, entre os séculos VI e VII d.C. as alterações climáticas foram intensas. Uma sucessão de secas, alternadas por chuvas torrenciais, provocou o colapso da sociedade Mochica e, no final do século VIII, os poucos sobreviventes abandonaram as cidades, pondo fim a este poderoso império de guerreiros.



Retratos Mochicas (Cerâmica)
(Fonte: <http://upload.wikimedia.org>)

PARACAS: OS SENHORES DA MUMIFICAÇÃO

A Cultura Paracas (700 d.C.) surgiu na costa sul do Peru e atingiu um importante desenvolvimento na arte têxtil. Contudo foram os seus sepulcros que se destacaram pela sua diversidade, de acordo com a época de sua História:

1º) Paracas Caverna (Chavin: 700 – 200 a.C.): Caracterizada pela cerâmica que fabricava potes esféricos policromados e esculturas zoomórficas.

Neste período as sepulturas foram escavadas na rocha subterrânea em forma que se assemelhava a um corpo humano invertido. A cerâmica era outra característica bastante peculiar desta época, na qual se pode perceber

uma sociedade bastante complexa, caracterizada pela existência de uma rígida divisão do trabalho.

2º) Paracas Necrópole (200 a.C - 200 d.C.): Caracterizada pela cerâmica monocromática, que fabricava potes ovóides em forma de abóbora e esculturas em forma de plantas, peixes, frutos, animais e pessoas.

Neste período, os enterramentos ocorriam em linhas de quadros, em construções subterrâneas mais avançadas, formando grandes câmaras nas quais eram depositadas múmias envoltas em tecidos ricamente bordados. Quanto maior fosse a posição social do indivíduo, mais exuberante era o fardo de tecido que o envolvia.

Antes de ser enterrado, o corpo passava por um processo de mumificação que lembrava os egípcios; no qual inicialmente abria-se o tórax; em



Tecidos Paracas
(Fonte: <http://celsolima.zip.net>)

seguida extraíam-se pulmões, coração, intestinos e, por fim, pulveriza-se o corpo com diferentes produtos químicos; para, em seguida, expô-lo ao calor ou à luz solar.

A deformação craniana também era uma prática bastante comum entre os Paracas. Ela era praticada na primeira infância, durante a qual



Múmias Paracas
(Fonte: <http://www.dominiosfantasticos.xpg.com.br>)

eram amarrados blocos laterais nas cabeças das crianças com a intenção de alongar o crânio.

A trepanação (operação) craniana também era praticada entre os Paracas. Tal intervenção ocorria quando os soldados eram feridos durante os conflitos e, devido à gravidade da lesão, tornava-se necessário retirar cirurgicamente a parte afetada, utilizando-se, para tanto, de um lamina metálica feita no mais puro ouro.

Não obstante tais descobertas, os paracas ainda representam um grande mistério para aqueles que se dedicam a estudar o Peru Pré-incaico. No entanto, acredita-se que viviam da pesca e da horticultura.

Nas suas representações iconográficas, principalmente nas pinturas dos tecidos, nota-se que os paracas eram bastante belicosos, visto que neles se encontravam figuras que portavam as cabeças de seus adversários como se fossem troféus.

Infelizmente, ainda é bastante superficial o estudo desta cultura, pois, não obstante a riqueza dos seus enterramentos, as fontes ainda são bastante escassas. O que se pode perceber é que havia classes superiores no tempo de Paracas Necrópole, pois suas sepulturas mostram que o poder religioso da classe dominante determinava os privilégios que os diferentes indivíduos recebiam durante o seu sepultamento.



Trepanação
(Fonte: <http://www.google.com.br>)

AS MISTERIOSAS FIGURAS DA CULTURA NASCA

É muito provável que a cultura Paracas tenha se transformado na cultura Nasca por volta do ano 100 d.C., visto que compartilharam o mesmo território no sul do Peru, na costa da região de Ica, entre os vales de Chíncha e Acari.

Os Nasquenses tinham como centro a cidade de Cachuachi, considerada pelos arqueólogos como o primeiro povoamento urbano do Peru. A partir daí, por meio de um longo processo de difusão cultural, os costumes Nascas se espalharam pelos vales vizinhos.

A cultura Nasca era formada por guerreiros e mercadores, muito embora a base de sua economia fosse a agricultura e a pesca.

Os guerreiros de Nasca costumavam arrancar as cabeças de seus inimigos, faziam um buraco no crânio e passavam uma corda para que pudessem ficar penduradas, as referidas cabeças eram chamadas de cabeças troféus e eram usadas em rituais que lembravam a vitória nas guerras que travavam.

No campo das artes, eles receberam influências remotas da cultura Chavin através de Paracas, destacando-se como grandes pintores, ceramistas e arquitetos. Construíram templos em formas piramidais e grandes

palácios. Destacaram-se, também, na construção de obras hidráulicas como aquedutos e reservatórios.

Os artesãos de Nasca confeccionavam diversos objetos com plumas. Utilizavam a fibra vegetal para construir cestos e cordas. Quanto aos tecidos, utilizavam lã, algodão e seda e os pigmentavam com diferentes colorações.

Na pintura e na cerâmica, costumavam representar figuras monstruosas, que, certamente, faziam parte do imaginário de seu povo.

No que diz respeito à cerâmica nasca, convencionou-se dividi-la em quatro grandes períodos:

- 1º) Inicial: confecção das primeiras pinturas e objetos;
- 2º) Severo: predomínio de representações de plantas e animais com fácil identificação;
- 3º) Exuberante ou proliferada: caracteriza-se por um gosto estético que aparentemente repudiava os espaços vazios;
- 4º) Decadente: marcado pela falta de originalidade.

No tocante à arte nasca, deve-se destacar que uma das mais curiosas contribuições desta cultura diz respeito ao conjunto de linhas traçadas em



Cerâmica Nazca

(Fontes: <http://www.tripadvisor.com.br>)

tamanho monumental em algumas partes do solo do seu território, cobrindo uma extensão de aproximadamente 500 quilômetros. Tais desenhos foram alvos de muitas especulações, porém, os especialistas no assunto chegaram à conclusão de que se trata de um enorme calendário que marca a orientação através das estrelas. O mais interessante é que, ao lado dessas linhas,

foram desenhadas, também, imensas figuras de animais (macacos, colibris, aranhas e aves) e vegetais, prováveis referências às representações que os nasquenses enxergavam nas constelações. As referidas figuras só podem ser contempladas plenamente através de vôos panorâmicos e, mesmo assim, são melhor visualizadas quando se encontram preenchidas com água.



Figura de Nasca
(Fonte: <http://www.tripadvisor.com.br>)

AS CULTURAS VICUS, PUCARA E SALINAR

Cultura Vicus (1000 a 300 d.C.): Foi uma das tantas sociedades pré-incaicas que se desenvolveu entre a Cordilheira dos Andes e o Mar, mais especificamente, no leito do rio Piura, ao norte do atual Peru.

Uma das características mais importantes dessa sociedade são suas túmulos em formato quadrangular e oscilam entre 4 e 15 metros de profundidade. Subterraneamente os referidos monumentos são tubulares e assemelham-se a uma bota. Nelas foi encontrada uma diversidade de oferendas feitas em objetos de cerâmica. Também foram encontrados instrumentos musicais. Contudo, mais relevante é saber que essas oferendas possuíam qualidade bastante variada e, conseqüentemente, valores distintos; e, ao que tudo indica, poderiam apontar para a condição social dos seus ocupantes.

A cerâmica Vicus apresenta uma variedade muito grande de formas, geralmente antropomorfizadas. Existem, porém, as formas zoomórficas,

com destaque para representação de felinos com línguas avantajadas, provavelmente representando a figura de um deus. Há também representações fitomórficas (em forma de plantas). No entanto, o mais importante é destacar que se trata de uma cerâmica feita à mão, sem a utilização de moldes ou formas.

No campo da metalurgia, nota-se um domínio extraordinário no trato com diferentes metais; destacam-se, por exemplo, os adornos corporais feitos em cobre. Contudo, foram encontradas, também, algumas esculturas feitas em ouro.



Cerâmica Vicus
(Fonte: <http://www.google.com.br>)

Cultura Pucara (100 a.C. a 300 d.C.): Floresceu a nordeste do lago Titicaca (hoje território Boliviano) ao sul do atual Peru.

Um de suas características principais são suas construções formadas por enormes muros de pedras semelhantes a fortalezas (o que deu origem ao nome Púcara). No interior desses muros, destacam-se grandes pirâmides; dentre as quais se destaca a de Kalasaya, que apresenta uma base de 300 X 200m e 32 m de altura. Acredita-se que esses complexos fossem usados como centros administrativos e cerimoniais.

No campo da escultura, os Pucara destacaram-se pela elaboração de arrojadas estelas, algumas em forma de animais (lagartixa, serpente e cabeças de pássaros) e outras, em forma humana; com destaque para “o Degolador de Pucara”, cuja representação nos remete à figura de um homem sentado segurando uma cabeça também humana.

A cerâmica repete o gosto pré-incaico pela representação de felinos. Contudo, apresenta algumas características muito particulares: pode aparecer em relevo e em tons bastante avermelhados.

Cultura Salinar (400 a.C – 100 d.C.): Localizava-se no Peru, na parte alta do vale de Chicana. O privilégio de habitar o vale de um rio fez dos Salinar um povo formado por agricultores. Dentre os produtos por eles cultivados destacavam-se: a abóbora, o mate, o milho e o abacate; que, juntamente com as carnes e peixes: lhamas, mariscos e porquinhos da índia, constituam a base alimentar do referido povo.

Os monumentos funerários também se destacaram entre os Salinar. Suas tumbas eram bastante alargadas e possuíam formato elíptico, isso se deve ao fato de que os corpos eram sepultados estendidos, com a cabeça voltada em direção ao mar. Outra curiosidade bastante interessante era que aos pés de alguns desses corpos foram encontrados restos de cachorros. Também foram encontradas algumas esculturas modeladas em cerâmica, nas quais se destacavam as representações de felinos, o que aponta, mais uma vez, para o culto ao jaguar.

Trata-se, no entanto, de uma cerâmica com características bastante peculiares, já que, dessa feita, os artesãos fizeram uso de moldes. Não obstante tal fato, o resultado final pode ser considerado um tanto quanto rústico, porém bastante realista; com destaque para os motivos eróticos e as formas geométricas.

Outra característica peculiar do povo salinar diz respeito a como seus homens se vestiam, visto que utilizavam muitos colares e braceletes e, com frequência, usavam gorros e tangas. Também costumavam tatuar-se por meio de incisões. Além disso, costumavam deformar o crânio como padrão de beleza.

AS CULTURAS RECUAY, LIMA, CAJAMARCA, VIRÚ, LAMBAYEQUE E HUARPA

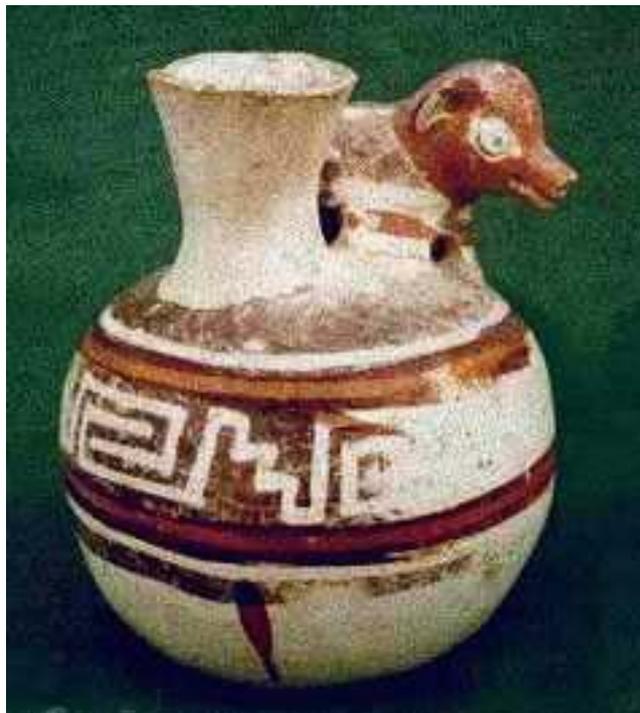
Cultura Recuay (por volta de 800 d.C.): Localizavam-se entre a Cordilheira Branca e a Negra, em Ancash, no Peru.

Este povo produziu uma arquitetura pouco comum, visto que construíram grupos de edifícios de pedra contendo de dois a quatro compartimentos, todos revestidos com tetos de piçarra (pedaços de rochas fragmentados). Tais construções foram consideradas verdadeiros palacetes, visto que possuíam terraços e amplos pátios. Também foram descobertas construções de dois e três andares, contendo câmaras centrais e galerias subterrâneas.

Os membros desta cultura vestiam-se com muita solenidade, pois cobriam a cabeça com belos turbantes encimados por coroas em formato semilunar. Também se enfeitavam com grandes brincos chamados orelheiras e suas roupas, longas e muito coloridas, costumavam apresentar motivos geométricos.

Os Recuay possuíam uma cerâmica bastante peculiar, na qual foram representados os animais típicos dos Andes: lhamas, alpacas e vicunhas. Nos seus objetos utilitários, costumavam aparecer motivos decorativos representando homens puxando os referidos animais, os quais levavam uma corda no pescoço. Alguns vasos possuíam gargalos como forma de apoio e suas bordas costumavam ser arredondadas. Além disso, eram desenhados, principalmente, com fortes traços pretos sob fundo branco ou vermelho.

Algumas vezes apareciam na cerâmica Recuay motivos zoomórficos adornados com grande luxo, em recipientes que imitam jaguares, pumas, cães, tatus, veados, garças ou pombos.



Cerâmica Recuay
(Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>)

Acredita-se, porém, que a origem da referida cerâmica esteja vinculada ao Vale de Santa, e que a repetida representação de um felino portando apêndices cefálicos e nasais, seja, mais uma vez, a comprovação de que esta era a divindade máxima deste povo.

Cultura Lima (séculos III a IX d.C.): Foi originária do Vale de Rímac, porém, estendeu sua zona de influência até Chancay e Lurín, no atual Peru.

Tratou-se de uma cultura bastante religiosa, cujo contexto devocional encontrava-se vinculado essencialmente ao mundo marinho, visto que, num primeiro momento, encontraram-se peças em forma de serpentes que entrelaçam corpos pintados nas cores vermelho, branco e preto.

A arquitetura da Cultura Lima apresentava características monumentais na qual se encontram pirâmides irregulares, escalonadas e truncadas. Na

realidade, essas construções representavam grandes santuários construídos em pequenos tijolos feitos de barro seco e modelados à mão. Dentre eles se destacam: a grande Pirâmide Cerimonial de Maranga (Huaca de los tres Palos), Huaca de Mateo Salado (muito procurada por caçadores de tesouros), Huaca de la Luz, Huaca de Vista Alegre (mais ao sul) e Huaca Juliana, situada hoje no bairro limenho de Mira Flores. Necessário se faz comentar que do alto da maioria das pirâmides havia a possibilidade de se contemplar o mar.

O santuário mais famoso da Cultura Lima foi Pachacamac, dedicado à deusa da terra, localizado no Vale de Lurín. Nele, foram encontrados muitos murais nos quais se podiam apreciar algumas representações de peixes e aves pintadas em amarelo, cuidadosamente feitas de pequenos tijolos construídos manualmente.

Os limenhos foram grandes pescadores. Descobertas arqueológicas feitas na região revelam-nos uma grande quantidade de terraços onde os peixes eram secados, para depois serem consumidos ou comercializados com os povos da Cordilheira dos Andes.

Também praticavam a caça, no entanto, depois da pesca, a agricultura continuava a ser a segunda maior atividade econômica; como provam os vestígios da existência de muitos canais de regadio.

Seus cadáveres eram enterrados estendidos, atados em galhos de pau e envoltos em mantas de algodão ou lã. Uma curiosidade bastante interessante é que alguns sepultamentos eram realizados em par, o que aumenta a suspeita da realização de sacrifícios humanos.

Cultura Cajamarca (500 a.C. a 800 d.C.): Tratou-se de uma cultura em parte amazônica, que se estendeu, também, pela Serra da Liberdade e o norte de Ancash.

Atagujó foi o deus principal dos Cajamarca. Ele era considerado o criador do mundo. Junto a ele estava Catequill, que era venerado num Oráculo existente em Porcón.

Os Cajamarca falavam culli, língua da qual se mantêm conservadas 62 palavras. Eles foram bons tecedores e obtiveram grande sucesso na metalurgia.

Porém, como em outras culturas pré-incaicas, foi na cerâmica que os Cajamarca conseguiram verdadeiramente se destacar. Eles produziram alguns objetos esbranquiçados contendo recipientes globulares, na maioria das vezes apresentando base tripla e asas que serviam para garantir a sustentação manual. Tratavam-se de pratos, vasos e xícaras.

A decoração desses vasos era feita com pincel e, como resultado, destacavam-se motivos florais e caligráficos pintados nas cores vermelho, marrom e preto.

Cultura Virú (100 a.C.- 500 d.C.): Despontou no vale de Virú, sendo considera a sucessora da Cultura Salinar e confundindo-se com a Cultura Mochica, sob a qual foi submetida.

Construíram enormes aldeias que poderiam chegar a ter 30.000 habitações. Foram também edificadores de templos, palácios e fortalezas. O castelo de Tomavel representa uma de suas construções mais impactantes.

A cerâmica Virú caracterizou-se pela rusticidade de suas formas, marcadas por modelos grosseiros baseadas em decorações cheias de linhas e pontas. Não obstante tal fato, nota-se que seus artesãos tiveram uma grande preocupação com a representação do real, visto que encontram-se figuras humanas de corpo inteiro.

Os vestígios cerâmicos apontam para um profundo caráter religioso do povo Virú. Encontram-se, com frequência, representações felinas, muito provavelmente vinculadas aos Chavín. Outro ponto marcante é o complexo culto que prestavam aos seus mortos, os quais eram sepultados no fundo de poços circulares sob o qual depositavam oferendas de conchas e caracóis.

Cultura Lambayeque: Por ter uma origem lendária, a Cultura Lambayeque não possui uma datação precisa. Vinculou-se sua origem à figura de um soberano chamado Naimlap que teria chegado misteriosamente ao vale de Lambayeque acompanhado de uma poderosa armada e uma numerosa corte.

O que se sabe com segurança é que sua cerâmica apresenta profundas relações com a Mochica, pois utilizavam, igualmente, a base creme decorada com linhas vermelhas envoltas em um preto brilhante. Além do mais, é pacífica a constatação de que habitaram a mesma região geográfica ao norte do Peru.

Uma característica bastante particular da arte Lambayeque reside no fato de que utilizavam pinceis na confecção de suas pinturas.

Outro destaque fica por conta da arquitetura, da qual se destaca o templo de Huaca Chotuna seu maior e mais antigo edifício cerimonial.

Na região de Batón Grande, que foi convertida posteriormente em território Chimú, destacavam-se tumbas nas quais foram encontrados numerosos objetos feitos em metal, dentre os quais se encontram expressivas máscaras funerárias; bem como jóias preciosas cravadas de esmeraldas, turquesas, ametistas, quartzo e cristais.

A Cultura Huarpa: Também sem uma datação precisa, a Cultura Huarpa floresceu nas proximidades do rio que lhe deu o nome. Certamente tal localização possibilitou-lhes o desenvolvimento de uma agricultura pujante, não obstante a existências de numerosos terrenos montanhosos no referido local.

A relação com a agricultura fez com que os Huarpa se especializassem na construção de canais e reservatórios de água.

Foram também prósperos construtores, pois atualmente comprovou-se que eles habitaram mais de 300 lugares distintos, o maior deles com cerca de 50 habitações. Destacam-se dentre todos esses lugares a cidade de Nãhuinpúquio, local habitado pela aristocracia agrícola e servido por uma grande rede de canais. Trava-se de uma localidade bastante desenvolvida na

qual se encontravam grandes edifícios, mansões e recintos públicos, além de praças e pátios e imponente templo piramidal.

Muito provavelmente a língua Huarpa era o aru. O certo é que a referida cultura teve o seu fim marcado pela aparição dos Huari.

AS CULTURAS TIAHUANACO E HUARI

Cultura Tiahuanaco (Séculos III e IV d.C.): Encontra-se vinculada a duas outras importantes culturas pré-incaicas os Chavin e os Pucara. Sua localização nos reporta às terras da Bolívia, mais precisamente a uma região situada a 21 quilômetros do lago Titicaca, a uma altitude aproximada de 4000 metros. Trata-se do lago natural localizado na maior altitude da Terra.

Os Bolivianos levantaram a hipótese de que a Cultura Tiahuanaco desenvolveu-se entre os anos 1580 a.C. e 1200 d.C., contudo os vestígios arqueológicos ainda não comprovam tal pressuposição.

De certo sabemos que a História dos Tiahuanaco obedece a seguinte divisão:

- 1º) Estágio Aldeão: Caracterizado pelo aparecimento de pequenas aldeias dentre as que se destacavam os Chiripa e Huancarani;
- 2º) Estágio Urbano: Caracterizado pelo aparecimento das cidades com destaque para a construção para o aperfeiçoamento da arquitetura e da escultura;
- 3º) Estágio Imperial: marcado dialeticamente pelo apogeu e pela decadência dos Tiahuanaco.

O Império Tiahuanaco é uma das tantas cidades pré-colombianas marcadas pela pujança de suas construções. Destacaram-se entre os seus principais edifícios: O Templo, Kalasasaya, Acapana, Putuni, Quericola e Puma Punco.

Dentre todos estes importantes sítios arqueológicos, talvez o que mereça maior destaque seja o de Kalasasaya, visto que se constituía num enorme conjunto composto por monólitos (pedras de grandes dimensões) ligados por outras pedras irregulares.

Em Kalasasaya encontra-se a Portada do Sol, uma imponente construção com 4 por 2,75 metros, com um peso aproximado de 10 toneladas, provavelmente inacabada, mas que nem por isso deixa de ser a maior e a melhor construção erigida pelos habitantes de Tiahuanaco. O destaque do referido monumento fica por conta do personagem esculpido em baixo-relevo, na parte central da portada, acima da borda. Trata-se de uma figura pequena com uma cabeça bastante desproporcional ao resto do corpo.

O grande detalhe fica justamente por conta da sua imensa cabeça que se encontra adornada por uma espécie de coroa que circunda inteiramente o rosto da pequena figura; da qual saem 24 raios que terminam em cabeças de felinos. Outro detalhe bastante significativo é que do referido rosto

vertem lágrimas espessas. Supõe-se que esse seja o rosto de um poderoso monarca, visto que porta um par de báculos (varas que representam o poder) terminados em cabeças de condores (ave típica dos Andes). Encontra-se ainda rodeado por corpos celestes, e a ele acorrem 48 pequenas figuras aladas que se formam de maneira bastante harmoniosa, daí o nome Portada do Sol. Outros, porém, preferem acreditar que essa seja a representação de Huiracocha, a quem se atribui a criação de todo universo andino, considerado por muitos povos, inclusive pelos Incas, como o mais importante e poderoso deus dessa região.

Acredita-se também que esse imponente edifício, bem como toda



Porta do Sol de Tiahuanaco
(Fonte: <http://www.crystalinks.com>)

Tiahuanaco, tenha sido construído com pedras provenientes da Península de Copacabana, as quais foram transportadas para essa região através de canais artificiais, em grandes balsas feitas de totora (espécie de barcos confeccionados com palha).

A economia de Tiahuanaco girava em torno da agricultura, da pesca



Barcos de Totora
(Fonte: <http://static.panoramio.com>)

e de um intenso comércio. Produziam tapeçaria em lã e singulares vasos cerimoniais em argila, nos quais se encontravam representadas cabeças de pumas, bem como de outros animais, principalmente felinos e, até mesmo, rostos humanos. As pinturas são chapadas sobre fundo ocre, sob o qual eram utilizados pigmentos vermelhos, marrons, laranja, preto, branco e roxo-terra.

Finalmente, faz-se necessário destacar que importantes estudos arqueológicos e antropológicos atribuem a Tiahuanaca o privilégio de serem considerados a Cultura Mãe dos Incas.

Cultura Huari (séculos VII – XIII d.C.): Localizava-se em Huanta, na província de Ayacucho, no Peru, numa região chamada precisamente de Huari. Para muitos pesquisadores trata-se de uma cultura profundamente marcada pela tradição de Tiahuanaco.

Antes, porém, os Huari foram influenciados pelos Huarpa e Nasca e produziram uma cerâmica muito original, que ficou conhecida como Chaquipampa.

Algum tempo depois, já sob a influência de Tiahuanaco, passaram a produzir a cerâmica Conchapata. Dessa última referência procederam as representações de condores, falcões, felinos e lhamas, além de seres lacustres e, curiosamente, de um certo personagem muito semelhante ao encontrado na Portada do Sol.

Dessa forma, Huari transformou-se num modelo para muitas outras culturas, que construíram cidades inspiradas em seus modelos; nas quais trabalhavam ceramistas e metalistas que, inspirados no imaginário produzido pelos seus sacerdotes, encontravam-se empenhados em propagar o culto à deidade da Portada do Sol.

A expansão da Cultura Huari tornou-se verdadeiramente expressiva a partir dos anos 800 da nossa era. Por volta dessa época, seus exércitos começaram a patrocinar uma importante marcha colonizadora que tinha por finalidade implantar nas terras conquistadas o culto a ao deus Huiracocha.

Os Huari subjugarão vários povos, dentre os quais se destacaram: Chimus, Iscas, Chancays, Huancas e Aimarás. Como fruto dessas importantes conquistas, nasce um pujante comércio que se expande desde a costa até o altiplano andino.

Contudo, por volta do século XIII os Huari começam a decair. Muitas cidades são abandonadas e o império mais importante do sul do Peru se desfaz. É precisamente por volta dessa época que os senhores das montanhas começam a levantar-se.

A CULTURA CHIMU: OS HERDEIROS DOS MOCHICAS

Os Chimus desenvolveram-se entre os séculos X e XV d.C.. Localizavam-se entre as margens dos rios Moche e Chicama, o Vale Chimo, na região da costa norte do Peru. A referida localização fez desse povo os herdeiros diretos da Cultura Mochica.

Os Chimus ficaram famosos por causa das suas cidades e pela habilidade comprovada dos seus metalúrgicos. Eles construíram um reino poderoso, dotado de uma estrutura hierárquica muito bem definida, comandada por um monarca supremo que era chamado pelos Incas de Chimo-Cápac ou Grande Chimu. Michan-Caman foi um dos mais importantes reis dos Chimus, pois sob o seu comando o referido reino atingiu sua maior extensão.

A cidade de ChanChán era a morada suprema do rei e, portanto, a capital do Império. Ela foi considerada a maior cidade de barro do mundo, com uma área aproximada de 20 quilômetros quadrados, chegando a abrigar, em seu máximo povoamento, cerca de 75.000 pessoas. Chanchán era um grande centro cerimonial de culto ao astro solar, por isso o seu nome significa literalmente “sol sol”. A cidade encontrava-se dividida entre 10 bairros retangulares separados por grandes muros que poderiam atingir até 9 metros de altura. No centro da cidade, encontrava-se o templo de Tschidi, no qual existia uma câmara que abrigava as reuniões do conselho.

Os Chimus herdaram a língua e a religião dos Mochicas. Não obstante tal fato, haviam incorporado o culto ao sol e a lua, e, por serem uma sociedade essencialmente litorânea, também cultuavam o mar, do qual tiravam o fruto do seu sustento. Além disso, prestavam culto aos mortos.

Por serem excelentes construtores, os Chimus destacavam-se na arquitetura. Mas também desenvolviam outras atividades como: trabalhos com



tecidos de plumas e com o barro. A cerâmica Chimu apresentava traços estilísticos que os ligavam diretamente aos Michicas, Huari e Lambayeque. Contudo, foi na metalurgia que eles mais se destacaram. Afirma-se, inclusive, que nenhum povo pré-incaico foi tão habilidoso com os metais como os Chimus. Eles conseguiram desenvolver técnicas aprimoradas para trabalhar com o ouro e a prata; mediante os quais produziram talheres, máscaras e uma infinidade de objetos de adornos.

(Fonte:<http://www.easyvoyage.co.uk>)

Por volta de 1450, depois de longas e sangrentas batalhas, os Incas finalmente derrotaram os Chimus. Assim sendo, Chimo Cápac deixou de ser rei dos adoradores do sol e passou a servir ao Senhor de Tahuantinsuyu, o Império dos Quatro Cantos do Mundo.

AS CULTURAS CHINCHA, CHANCAY, HUANCA, CHACHAPOYAS E CHANCA

Cultura Chíncha: Propagou-se através dos vales de Chíncha, Pisco, Ica e Nasca. Foi conquistada pelos Incas durante o reinado de Pachacútec Inca Yupanqui e permaneceu ligado ao Império Incaico até o reinado de Tupac Yupanqui, no ano de 1476.

A sociedade Chíncha encontrava-se dividida entre a nobreza, responsável pelos cargos administrativos; os sacerdotes e o resto da população; composta, principalmente, por artesãos, agricultores, pescadores e comerciantes.

Dentre suas atividades econômicas, destacam-se a agricultura, a pesca e o comércio. Por terem sido grandes comerciantes, os Chínchas construíram um importante sistema de estradas que atravessava o seu próprio vale, bem como o de seus vizinhos. Possuíam, também, uma navegação marítima avançada que lhes permitia alcançar a maioria dos pontos extremos tanto do norte quanto do sul do atual Peru.

Eram grandes comerciantes de charque, lã e metais preciosos. Os referidos produtos eram transportados pelo mar e pela terra, formando uma rede de comércio que se estendeu do planalto de Callao, passando pelo centro do Peru (Altiplano Andino), até o norte do Equador.

Desse modo, os Chínchas construíram um poderoso Estado, cuja arquitetura destaca-se pela presença de importantes restos arqueológicos de palácios, fortalezas e templos. Muito embora o material comum utilizado para as construções fosse a taipa.

Como ceramistas, produziram vasos que eram feitos de um tipo de argila vermelha, nos quais foram desenhadas figuras antropomórficas. Eram, também, bons tecelões, por isso produziram incríveis telas. No que se refere à metalurgia, trabalhavam habilidosamente o ouro, a prata, o cobre e o bronze.

Quanto à religião, adoravam uma poderosa divindade chamada Chínchaycámac.

Cultura Chancay (1200 – 1470 d.C): Trata-se de outra poderosa sociedade pré-incaica que habitou os vales de Chancay, Chillón, Huanca, Rimac e Lurin, no litoral central do Peru, a aproximadamente 80 Km ao norte de Lima. A referida região é desértica, porém apresenta-se entrecortada por rios que formam vales férteis, fato que possibilitou o desenvolvimento da agricultura. Suculachumbi foi, possivelmente, a capital desse povo.

A economia dos Chancay baseava-se na pesca, na agricultura e no comércio. Seus engenheiros construíram importantes reservatórios de água e irrigação de canais.

A cultura Chancay foi a primeira que massificou a produção peruana de cerâmica, tecidos e metais; os quais foram agregados aos seus rituais. Desenvolveram uma cerâmica caracterizada pela produção de vasos de barro vermelho com decoração branca e preta e de cântaros com desenhos também em preto. A produção de cerâmica se deu através de moldes, dos quais foram encontrados mais de 400 diferentes tipos de desenho.

Na tecelagem produziram tecidos primorosos. Contudo, foi na execução de esculturas em madeira que eles realmente se destacaram, sendo esta uma particularidade deste povo.

Quanto aos sepultamentos, os arqueólogos encontraram tumbas profundas nas quais foram enterrados, provavelmente, pessoas de destaque na sociedade Chancay. Torna-se importante frisar que foram encontrados junto aos enterramentos uma grande quantidade de cerâmicas finas e de tecidos muito bem elaborados, os quais certamente foram colocados ali como oferendas funerárias.

Cultura Huanca (1200 – 1460 d.C.): Foi um dos reinos mais poderosos do mundo andino. Estavam organizados em cidades chamadas *Iiactas*, que foram construídas em lugares altos e quase inacessíveis. Cada uma dessas cidades possuía uma grande praça para a realização de festas, visto que o templo utilizado para adoração dos seus ídolos situava-se aí.

Sabe-se pouco sobre a organização social dos Huancas; porém, mediante os achados arqueológicos que lhes dizem respeito, pôde-se perceber que formavam uma sociedade patriarcal, que desenvolvia suas atividades baseada no trabalho coletivo.

Em termos de atividades econômicas, sabe-se que praticavam a agricultura e a pecuária; não obstante tivessem o comércio como um importante meio de contato com os reinos vizinhos e, até mesmo, da costa peruana.

Huallallo Carguancho era o nome da deidade mais importante do Huancas e Siquillapucara era sua capital fortificada.

Cultura Chachapoya (1100 – 1516 d.C.): Foi contemporânea dos Incas e ofereceu-lhes muita resistência, visto que se destacava pela sua belicosidade. A presença de muitos crânios humanos perfurados de forma violenta vem a comprovar tal afirmação.

Os homens dessa cultura eram esbranquiçados, fortes e, sobretudo, grandes guerreiros. Os senhores da guerra eram enterrados em urnas de argila cozida e os pobres eram sepultados no próprio solo.

Estava localizada na selva peruana e, para facilitar seu estudo, os arqueólogos dividiram sua história de acordo com as etapas evolutivas de sua cerâmica. Assim sendo, têm-se os seguintes períodos:

1º) Culap: Época da edificação de grandes fortalezas, inclusive uma delas foi construída nas montanhas, a certa de 1200 metros. Era toda feita de pedras que formavam muros muito altos, os quais abrigavam várias casas e edifícios.

2º) Chipuric: Caracterizou-se pela construção de estátuas que foram colocadas em penhascos praticamente inacessíveis. Nesse período, também foram manufaturadas muitas máscaras funerárias.

3º) Revasch: Caracterizou-se como sendo o período de maior expansão da Cultura Chachapoya.

Cultura Chanca: Pouco se sabe sobre essa cultura. Descobriu-se, porém, que sua deidade mais importante chamava-se Uscovilca. Entre seus homens existiam guerreiros ambiciosos, caçadores de vicunha e pastores.

Na escultura, produziram estátuas de pedra que representavam tanto homens quanto mulheres. Na tecelagem, produziam mantos de algodão.

Nas suas aldeias tornaram-se aficionados por cabeças-troféus. Além disso, possuíam um ídolo felino e um demônio zoomórficos.

CONCLUSÃO

Os primeiros habitantes do Peru eram nativos de pele morena, olhos castanhos e lindos cabelos, bastante pretos e lisos; como até hoje ainda o são. Eram povos dotados de uma grande capacidade construtiva e de uma inteligência singular. Haviam chegado àquela região formando pequenos bandos de caçadores e coletores que, no decorrer dos séculos, transformaram-se em poderosas culturas que edificaram pulsantes Impérios, os quais se espalharam tanto pela selva quanto pela a costa e pelos Andes; formando, dessa maneira, a História do nosso povo; da nossa verdadeira América.

RESUMO

Caro aluno, querida aluna: como o resumo de tantos povos e culturas distintas torna-se uma tarefa praticamente impossível, tomemos de empréstimo o texto publicado por C. A. Burland (1991:12), que dá conta de explicar melhor todo esse emaranhado de civilizações:

Entre o ano 900 e o ano 200 a.C., surgiu nos planaltos elevados e junto à costa a civilização chavin, a qual se dispersou numa variedade de civilizações regionais. Entre o ano 100 a.C. e o ano 600 d.C., floresceu na costa norte a civilização mochica, com suas grandes pirâmides e belos artigos de barro, enquanto na costa sul a civilização dos paracas se transformara na civilização naszca. Nas terras altas os habitantes do lago Titicaca construíram uma cidade muito importante em Tiahuanaco. Há quem diga que os incas descendiam desses habitantes das terras altas do Sul, mas é provável que eles procedessem das proximidades de Cuzco.

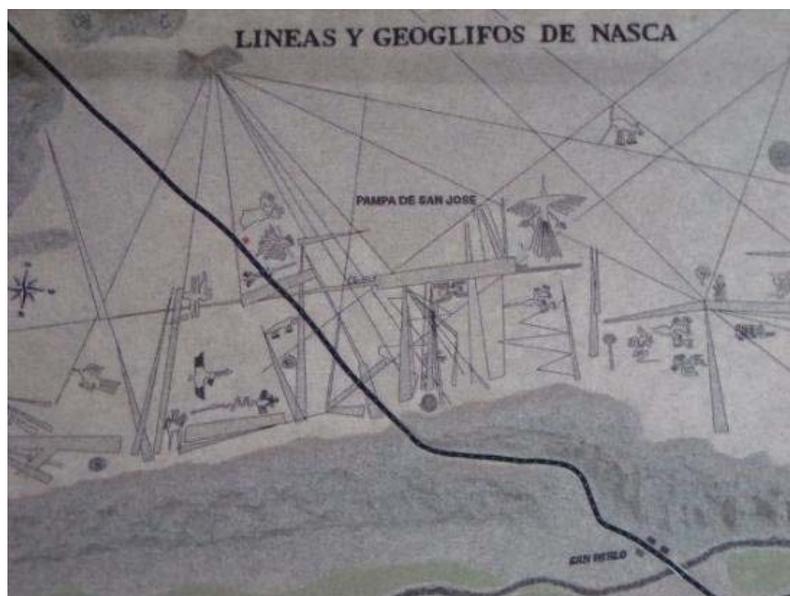
Depois do ano 1100 d.C., os chimus, habitantes da costa Sul,



governavam o mais poderoso dos Estados litorâneos, enquanto a família inca ia lentamente desenvolvendo sua civilização nas terras altas de Cuzco. A princípio dominavam apenas a cidade, mas quando os vizinhos invejosos tentaram atacá-los, eles resistiram e iniciaram gradualmente a conquista das tribos circundantes. No final do século XV, os incas governavam um vasto império, que se estendia ao longo da costa, desde o Equador até o rio Maule, no Chile. Chamavam-se Tahuantinsuyu, que significa os “Quatro Quartos do Mundo” ou as “Quatro Províncias”.



ATIVIDADES



(Esboço das linhas de NascaFonte: <http://www.tripadvisor.com.br>)

Caro aluno, querida aluna: leia com bastante atenção este trecho da reportagem publicada no site: <http://www.overmundo.com.br/banco/linhas-de-o-lado-mistico-de-um-pais-cheio-de-misterios-o-peru>, em 2/4/2007, assinada por Marcelo Bretton.

O Peru abriga um dos maiores mistérios do mundo. As famosas Linhas de Nazca, situadas próximo à costa, são desenhos que só podem ser vistos do alto, em pequenos aviões. Observados do chão, não passam de sulcos no solo macio e arenoso [...]. São classificados em cinco tipos de marcação: linhas retas, figuras geométricas, desenhos de animais e vegetais, montes de pedras de vários tipos e figuras nas encostas íngremes das colinas. Escavados entre os anos de 900 a.C. e o 600 d.C., os desenhos guardam dois enigmas. O primeiro é: como foram parar lá. O segundo: que serventia teria ao homem num tempo em que nem se imaginava em voar para vê-las na sua magnitude. Como sempre ocorre quando a humanidade se vê

diante de algo que não sabe explicar, muitos atribuem as Linhas de Nazca à intervenção extraterrestre. Seja como for, não será agora que este mistério será esclarecido e, como se sabe, mistérios costumam tornar as coisas mais interessantes.

Pois bem, agora que você leu este pequeno extrato do texto de Marcelo Bretton, vá até o endereço eletrônico indicado e leia a reportagem completa. Depois de lê-la, pesquise em outras fontes e faça uma lista de quais são as possíveis explicações sobre as famosas Linhas de Nazca.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Existem diferentes explicações sobre a origem das Linhas de Nazca. A reportagem de Marcelo Bretton apresenta algumas delas:

1º) Poderiam ter origem extraterrestre. Foi o que defendeu o suíço Erich von Däniken, no seu polêmico livro “Eram os Deuses Astronautas” (1968). Contudo, tal pressuposição não tem qualquer comprovação científica e apresenta argumentos muito frouxos, impossíveis de serem aceitos com seriedade pela comunidade científica internacional. Além disso, sua conjectura parece menosprezar consideravelmente a capacidade criativa dos homens do passado;

2º) Outra hipótese, desta feita um pouco mais plausível, foi defendida pela matemática alemã Maria Reiche e afirma que as Linhas de Nazca formam, na verdade, um gigantesco calendário astronômico através do qual os homens daquela época tinham a possibilidade de prevêê os solstícios (época em que a incidência de luz solar se mantém mais próxima à Linha do Equador e, portanto, afastada dos pólos) e determinar a posição dos astros. Neste sentido, como afirmou o astrônomo peruano Luis Mazzoti: “Nazca nada mais é que um complexo ‘mapa estelar’;”

3º) Uma terceira teoria, desta feita um pouco mais recente, foi defendida por um pequeno grupo de astrônomos e antropólogos norte-americanos formado por: Anthony Aveni, Gary Urton e Persis Clarkson. Segundo eles, as linhas apontam a direção que os peregrinos deveriam seguir para chegarem aos principais lugares sagrados existentes no Peru pré-incaico;

4º) Outras teorias afirmam que elas não passam de aquedutos que serviam para irrigar o árido solo daquela região;

5º) Por fim, acredita-se que os homens de Nazca podiam sobrevoar as suas terras; pois existe um vaso no Museu de Lima que apresenta uma iconografia retratando a imagem de um possível objeto voador semelhante a um balão moderno.



AUTO-AVALIAÇÃO

1º) Será que consegui compreender que havia uma ampla diversidade de povos que faziam parte da América pré-incaica?

2º) Pude perceber que cada um desses povos apresenta traços bastante peculiares que os distingue radicalmente uns dos outros? E que é justamente nessas particularidades que reside a sua riqueza e o seu valor como sociedades autônomas?

3º) Compreendi, com o estudo dos povos pré-incaicos, que o nosso Continente possui uma História própria, independente dos ditames evolucionistas da Europa?

REFERÊNCIAS

BURLAND, C. A. **Os Incas**. Tradução Maria Luisa Martins, 8ª ed., São Paulo: Melhoramentos, 1992.

COE, Michael et. All. **A América Antiga: Civilizações pré-colombianas**. Barcelona, Espanha: Edições Folio, 2006.

DUTHURBURU, Jose Antonio del Busto. **Peru pré-incaico**. 9ª ed., Lima, Peru, Libreria Studium Editores, 1988.

FERREIRA, Jorge Luiz. **Incas e Astecas: Culturas Pré-colombianas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

PEREGALLI, Enrique. **A América que os europeus encontraram**. São Paulo: Atual, Campinas, SP: Editora universidade Estadual de Campinas, 1987.

WIESENTHAL, Mauricio. **Peru**. Barcelona: Grijalbo S.A., 1981.

Leitura recomendada

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **América pré-colombiana**. 6ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.